

DIOGO-CÃO

REVISTA ILUSTRADA DE ASSÚNTOS ANGOLANOS

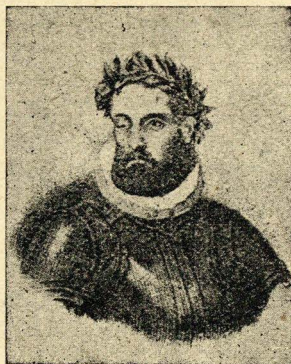
(Com tôdas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

PADRE MANUEL RUELA POMBO

(Missionário secular português e antiquário amador)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



*OS LUSÍADÂS são o poema do mar; e
Camões, por mais que os modelos antigos
o distraissem, é essencialmente o poeta
marinheiro.*

Luís de Almeida Braga

SUMÁRIO:

*O Convento-do-Carmo, em Luanda—A Pedra de Encoje, antes de 1759—Efemérides Provinciais—A morte do nosso
ilustradíssimo colaborador Cônego Delgado—Antologia
Angolana—A Tentação do Mar Atlas & Ancoras—Índice.*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1932

AGENTE:
AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 196

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—**MINERVA**, na Travessa da Sé

—**A LUSITANA**, na Avenida de Salvador Correia

Preço de cada número avulso.....	5,00
----------------------------------	------

Pelo correio e registado.....	6,00
-------------------------------	------

DIOGO - CÃO

24.)

O ilustradíssimo crítico e publicista sr. José Agostinho fez a seguinte apreciação da nossa revista, na secção—*a nossa estante*—do jornal *A VOZ* de Lisboa, de 27-X-1932:

Diogo-Cão—*Padre Manuel Ruela Pombo*
—*Luanda—1931-1932*

Revista ilustrada de assuntos históricos (N.ºs 1, 2 e 3).

A primeira impressão, espera-se menos uma revista do que uma biografia ou, quando muito, uma simples exposição sincrónica relativa aos feitos do notável descobridor.

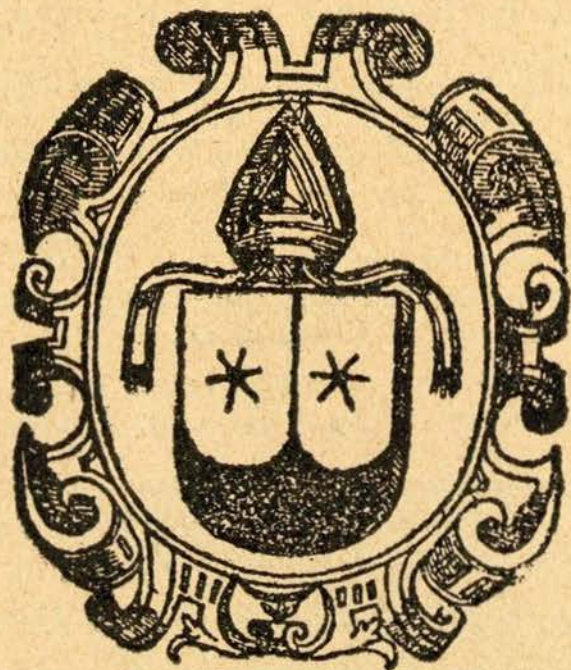
Mas a revista «Diogo Cão» não é só isso, porque, além de aquilo tudo, que já muitíssimo seria, oferece nos uma interessante miscelânea—mas organizada com bom critério e erudição extensa—e na qual se impõem, além de excelentes princípios de crítica histórica, noções seguras e variadas sobre a Angola em geral, sobre as nossas Missões, sobre medicina tropical e sobre aspectos etimológicos de aperitivo interesse.

O P.^e Ruela Pombo desempenha esta patriótica tarefa com um saber inigualável e invulgar, e, contudo, apenas quer ser um *antiquário amador*. E saber, realçado pelo seu título e acção de missionário secular português, tem como suponível grande prestígio. Mas, para valorização maior, o distinto publicista patenteia

(Continua na 3.^a página da capa)

História Eclesiástica

O CONVENTO DO CARMO EM LUANDA



(Homenagem saúdosa ao Bispo
DOM ANTÓNIO BARBOSA LEÃO)

A PRIMEIRA MISSÃO RELIGIOSA DOS FRADES carmelitas-descalços foi nomeada para o Congo em 1582: era composta dos padres frei António da Madre de Deus, frei João dos Anjos, frei Francisco da Cruz, e dos irmãos Sebastião dos Anjos, diácono, frei Diogo do Santíssimo Sacramento e frei Bruno. (Paiva Manso—*«História do Congo»* — ps. 130—132).

Chegaram ao pôrto de Luanda em 1584 e logo seguiram por terra para o Oiteiro de Sam-Salvador de Congo; onde já estavam no dia dois de Dezembro, *«mais quand ils eurent constaté de visu la triste situation du pays, ils retournèrent à Luanda»*.

No seu *«SUMA'RIO»*, à fôlha 44 e 44 v., ou à página 53, o licenciado Domingos de Abreu de Brito também dá informação desta viagem inútil dos frades marianos ou carmelitas, ao Congo, e conta as razões.

*

* *

Em Setembro de 1659, chegaram à cidade de Luanda os religiosos Carmelitas-Descalços, que pelo governador João Fernandes Vieira foram acomodados ou hospedados numas casas junto do Convento de Sam-José dos Franciscanos.

A tal moráda pertencia ao capitão Francisco Vás Aranha — o famoso Tormenta, de quem nos conta as façanhas guerreiras o nosso Cadornega.

No próximo ano, havemos de consultar, na Biblioteca Nacional de Lisboa, os manuscritos 8.207—8.210, que tratam dêste Convento, conforme informação que nos deu o falecido cónego José Matias Delgado, mestre, que era, infalível de História-de-Angola documentada.

Havemos também de ler ou estudar a Carta-Régia de 17 de Janeiro de 1663 que mandou que aos frades carmelitas fôsse feito o convento «*pelos bens do Concelho*».

*

* *

Para que, dentro do nosso programa, nestas nossas páginas constem também alguns documentos religiosos do Arquivo Municipal de Luanda, aqui vamos dar mais êste:

*Registo da PROVISÃO por que o Governador
faz mercê aos Religiosos Carmelitas de um
pedaço de chãos, no Oiteiro da Ingombota.*

João Fernandes Vieira, primeiro Aclamador das Guerras de Pernambuco, do Conselho de Guerra de El-Rei Nosso Senhor, Comendador das Comendas de Sam-Pedro de Torrados e Santa-Eugénia da Ala da Ordem de Cristo, Alcaide-mór da Vila de Pinhel, Governador e Capitão General dêstes Reinos e suas Conquistas etc.

FAÇO SABER aos que esta minha Provisão de dáta de um pedaço de chão virem, que, havendo respeito ao Reverendo Padre Prior e mais Religiosos Carmelitas-Descalços que nesta Cidade residem, me enviaram a dizer em uma sua petição, que, junto ao sítio onde fazem o seu Convento, está um pedaço de chão, que parte com o ribeiro de testáda pela páte da Cidade, e doutra, para a banda de Santa Maria Madalena, com os chãos de Simão da Rocha, e da ilharga, que está para páte do mar, com os chãos de João Rodrigues, e da outra com estrada,—que os ditos chãos o pedaço de chão lhes será necessário para a cêrca do Convento; e, fazendo-se diligência, não se achou dono nem consta que se tenha dado; pedindo-me lhes mandasse dar o dito chão para efeito, e havendo outrossim respeito à informação que sôbre êste particular me deram os srs. Officiais da Câmara, porque consta não ser de prejuízo à serventia pública:

HEI POR BEM, em nome de sua Majestade, de fazer esmóla ao Reverendo Padre Prior e mais Religiosos dos ditos chãos acima confrontados, para que os possam meter na cêrca do Convento que fazem, usar dêles como melhor lhes parecer como coisa própria do mesmo Convento, que fica sendo de hoje em diante; e, sendo necessário haverem posse dos ditos chãos, se lhes dará real e actual, e nas costas desta se passará o instrumento para conservação do direito do dito Convento e seus Religiosos, com declaração que, se em algum tempo aparecer direito e senhorios aos ditos chãos, se lhes pagará o justo preço dêles, e esta se registrará no Livro da Câmara desta Cidade para a todo o tempo constar do referido.

Dada nesta Cidade de Sam-Paulo da Assunção, a 3 de Julho de 1660.

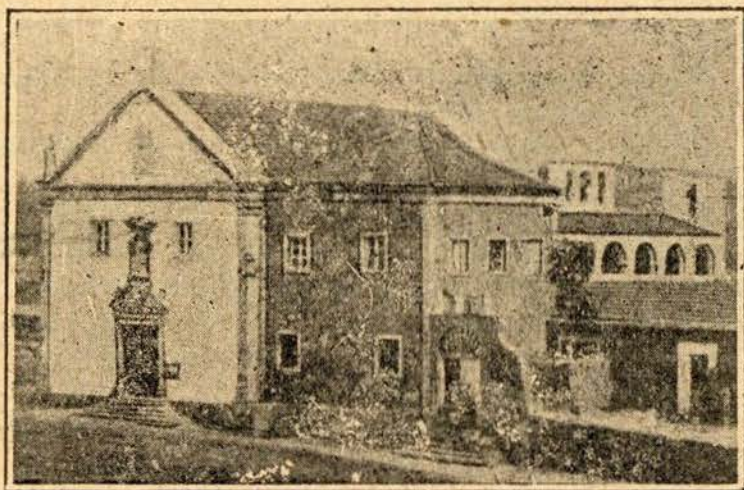
O capitão António de Bulça, Secretário dèste Reino, a fez.

João Fernandes Vieira.

E não dizia mais a dita Provisão, que eu escrivão aqui registei do próprio original, a que me reporto, com a qual êste trasládo consertei e escrevi e assinei.—*Bento Baptista Parada.*—Consertada com a própria.—*Bento B. Parada.*

*
* *

Quem quiser ver esta Provisão ou o estado lamentável em que se encontram alguns códices do Arquivo Municipal de Luanda, peça ou consulte;



(Convento do Carmo, em Luanda)

Livro 481, quási ilegível, à fôlha, que é ou era 104, segundo a referência do outro livro índice 706, à fôlha 75, verso.

Livro 482, à fôlha 180.

Livro 7399, na Biblioteca Municipal, fôlha 175, verso, riscada, ou 97, verso, da nova numeração.

*
* *

Na verdade, debaixo do ponto de vista artístico e arqueológico, o Convento do Carmo ainda hoje tem preciosidades... valiosas.

No arco-cruzeiro da Igreja está sepultado o bíspo dom frei António do Espírito Santo.

Em 19 de Novembro de 1673, deu-se um lastimoso naufrágio ao sul do Cabo-Negro, na chamada costa de Benguela-a-Nova.

Morreu o governador Pedro César de Meneses—o segundo—e escapou por milagre o bíspo dom frei António, seu companheiro de viagem.

O bom bíspo tinha já 56 anos de idade e ficou abaladíssimo com tam violento desastre.

Demorou-se alguns dias na cidade de Benguela e chegou ao pôrto de Luanda no dia 9 de Dezembro, tomando posse do Bispado no dia onze.

Pouco tempo desempenhou o seu santo cargo, porque faleceu, neste Convento do Carmo, no dia 27 de Janeiro de 1674, com geral sentimento de toda a população.

Na «*Biblioteca Lusitana*» de Diogo Barbosa Machado, segunda edição agora a sair, encontra-se, às páginas 256-257 do tomo I, uma boa biografia de dom frei António do Espírito Santo.

Fica comovido, ainda hoje, quem fizer a leitura deste naufrágio, que António de Oliveira de Cadornega nos deixou arquivado em bela descrição.

(«*História Geral das Guerras Angolanas*» — tomo II, às páginas 212-218).

Segundo consta no frontispício da Igreja, as obras foram acabadas no ano de 1689.

Desde o dia primeiro de Janeiro de 1907 que ali está instituída a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo.

A Venerável Ordem Terceira da Penitência de Sam-Francisco, por decreto de 17 de Junho de 1855, passou do edifício do Convento de Sam-José para este e é, ou desempenha, o cargo de fabriqueira actual da Paróquia.

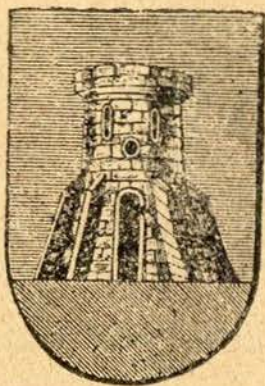
Muxima. Dez./1932.

Padre RUELA.

Advertências—I)—Os frades Carmelitas-Descalços tiveram, na região de Golungo, a importante missão de Santo-Hilarião do Bango-Aquitamba, que produziu tam bons frutos de civilização que ainda hoje se notam ou existem.

II)—O padre António Franco, às páginas 361-362 do—«Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal», — edição de 1931, também se refere ao naufrágio de 19 de Novembro de 1673, no qual morreram 7 jesuítas.

P. R.



Presídios Angolanos

A PEDRA DE ENCOJE, ANTES DE 1759

Pelos DOCUMENTOS seguintes podemos bem avaliar a... prudência dos nossos antepassados, que estudavam os assúntos angolanos não sôbre os joelhos, mas com todo o cuidado.

Padre RUELA.

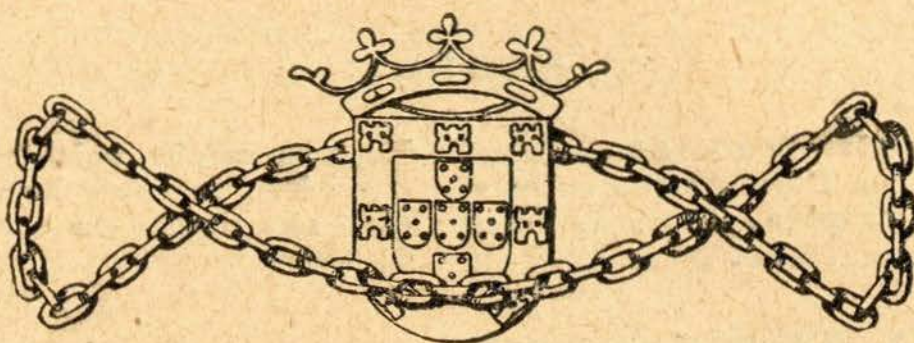
DOM JOSÉ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves dâquém e dâlém Mar em África, Senhor da Guiné:

Faço saber a vós Governador e Capitão General do Reino de Angola que se viu a vossa carta de 24 de Julho do ano passado a respeito da fortificação que se devia fazer na Pedra de Ambuíla chamada de Encoje: Me pareceu dizer-vos por Resolução de 29 de Outubro dête presente ano, tomada em Consúta do meu Conselho-Ultramarino, que não é conveniente fortificar-se o dito penedo, sem PRIMEIRO se fazerem as averiguações que aponta o Engenheiro-Mór Manuel de Azevedo Fortes na sua informação que por cópia se vos remete, assinada pelo Secretário do meu Cons.-Ult.; e assim, no caso de se não poderem fazer estas averiguações, não deveis de inovar coisa alguma nessa matéria sem PRIMEIRO me dar cônta. El-Rei Nosso Senhor o Mandou pelo Doutor Tomé Gomes Moreira e Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, Conselheiros do seu Cons.-Ult.; e se passou por duas vias. Teodoro de Cabelos Pereira a fez em Lisboa Ocidental, a 19 de Dezembro de 1740. O Secretário Manuel Caitano Lopes de Lavre a fez escrever. Tomé Gomes Moreira.—Martinho de Mendonça de P. e de P.

SENHOR: Esta segunda Representação, que à vossa Majestade faz João Jaques de Magalhães em carta de 24 de Julho do ano passado, não me parece que é informação que basta para vossa

Majestade tomar a sua resolução sôbre fortificar-se o celebrado Penedo de Ambuila, ou Encoje, principalmente não satisfazendo ao que à vossa Magestade informou o Brigadeiro José da Silva Pais, por ser preciso saber-se ao justo a capacidade do vão dentro dos Penedos que a cercam e se, com efeito, são por tôda a párté invadáveis (*sic*) por ser grande a sua escarpa nas pártes notadas com a Letra J; e, não havendo dentro a capacidade que se requiere para a Guarnição e oficinas precisas da fôrça, se há-de suprir, dando maior extensão à obra da fortificação com que se cobrir a pórtá; e, sendo assim, se fará pouca maior despesa a fortificar-se em qualquer cutra párté de donde resulte maior conveniência ao COMÉRCIO; e no que respeita a fazer-se a fortificação de faxina e estacaria, me parece, o mesmo que ao Governador, ser bastante a fortificação, sendo bem obrada e em semelhantes países; e não sei com que razão se facilita tanto o fortificar o dito Penedo, e se dificulta o poder-se examinar a sua capacidade, por estar o Potentado com grandes ciúmes de se lhe tomar o dito Penedo, porquanto parece verosímil que se oporá com tôdas as suas fôrças, (se as tem maiores que as nossas), para nos impedir a fortificação que se pretende fazer; e primeiro se devia bem examinar se, fortificado o o dito Penedo, se seguirão com efeito as vantagens pretendidas, como bem apontou o sobredito Brigadeiro, porquanto, se feita a dita fortificação, com ela se não pode impedir que aqueles escravos ou gentios façam remessa dos seus gêneros para os pórtos do Luango e outras paragens de Estrangeiros, irritado aquele Potentado, em lugar de se aumentar a remessa dos gêneros, deixarão de vir à Cidade os que ainda agora vêm, do que se deve concluir que, sem um exame exacto sôbre os pontos desta matéria, se não deve empreender coisa alguma, e vossa Majestade mandará o que fôr mais conveniente ao seu Real Serviço. Lisboa Ocidental, 12 de Maio de 1740. — Manuel de Azevedo Fortes. — Manuel Caitano Lopes de Lavre.

Nóta do p. R. — *Cristóvão Aires trata de engenheiro Azevedo Fortes no volume 7, pgs. 106-111, das Prôvas da sua «História... do Exército Português».* — Do eng. José da Silva Pais, no vol. 8, à página 344.



(PORTUGAL NO CATIVEIRO DE ESPANHA)

No tempo dos Filipes...

EFEMÉRIDES PROVINCIAIS

CATÁLOGO

DOS

GOVERNADORES DE ANGOLA

(PELO CÓNEGO JOSÉ MATIAS DELGADO,
QUE DEUS HAJA)

(Continuação da página 270)

XVI—Dom frei Simão Mascarenhas

D Á T A S:



Chegou á Luanda em 9 ou 10 de Agosto de 1623. Recebeu em 10 o govêrno dado voluntariamente pelo Sousa Coelho.

Em 13 de Janeiro recebeu a Provisão Real para o Coelho lhe entregar o Govêrno, mas êste já tinha morrido dois dias antes.

Lopes de Lima, nas páginas 96 e 160 — A, erra
sobre êle.

PRÓVAS:

A data da chegada à Luanda é opinião minha, pois deve ser certo que Pedro Coelho entregasse o governo ao Bispo logo após a sua chegada. Todas as outras datas são tiradas da carta do Bispo, já citada.

XVII—Fernão de Sousa

DATAS:

Foi nomeado em 5 de Outubro de 1623. A sua patente é de 21 de Outubro de 1623, como a de João Correia de Sousa.

Partiu de Lisboa em 25 de Março de 1624. Chegou à Benguela a 8 de Junho e ali esteve 9 dias. Chegou à Luanda a 22 de Junho e no mesmo dia tomou posse do governo.

Lopes de Lima, na página 96, erra sobre êle.

PRÓVAS:

Existem na Biblioteca da Ajuda, de Lisboa, dois grossos tomos manuscritos *in folio*, escritos por ordem do governador Fernão de Sousa, e onde estão também os autógrafos de muitas cartas-régias dirigidas a êle; tem um relatório de tudo que aconteceu nos seus seis anos de governo, e mais a cópia (registo) de todas as suas cartas oficiais, escritas de Luanda e já aqui também de Lisboa, depois de sua volta.

São, na verdade, dois livros de alto valor histórico e ricos em datas: contam os factos com todos os pormenores, o que os torna preciosos para a história dos seus seis anos de governo, honesto e ótimo. Tudo o que aqui digo é tirado do I tomo a folhas 5.216, 220, 334 e 335.

A sua patente está na Chancelaria de dom Filipe III, Livro 18, fl. 163.

XVIII—Dom Manuel Pereira Coutinho

DATAS:

A sua patente é de 31 de Dezembro de 1629 como a de João Correia de Sousa.

Chegou à Luanda a 4 de Setembro de 1630 e nesse mesmo dia tomou posse do governo, mas só desembarcou no dia 6.

PRÓVAS:

A sua patente está na Chancelaria de dom Filipe III, Livro 23, fôlha 205.

A sua chegada à Luanda, posse e desembarque; é tudo dado nas fôlhas 273 e 359, verso, do I tômo já citado no número XVII, desta lista.

XIX—Francisco de Vasconcelos da Cunha

DATAS:

A sua patente é de 23 de Março de 1634, por três anos e o mais que El-Rei houvesse por bem e não mandasse o contrário.

Foi o primeiro governador que teve o tempo marcado por três anos.

Também foi o primeiro que teve o título de—Governador e Capitão-Mór do Reino-de-Angola. Antes dêle tinham todos o título de—Capitão-Mór e Governador do Reino-de-Angola.

Chegou à Luanda em princípios de 1635.

PRÓVAS:

A sua patente está na Chancelaria de dom Filipe III, Livro 32, fôlha 149, verso.

O que digo dêle consta da própria patente.

A sua chegada à Luanda consta da patente de Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, para capitão mór de Angola, datada de 21 de Julho de 1653, no Livro II dos Offícios (1649-1653), fl. 254. Diz que este foi para Angola em 1635 em companhia do governador Francisco de Vasconcelos da Cunha.

XX—Pedro César de Meneses

(No tempo de Filipe III)

D Á T A S :

A sua patente é de 22 de Janeiro de 1639, como a de Francisco de Vasconcelos da Cúnha. Saiu de Lisboa em 18 de Abril de 1639 e chegou à Luanda em 18 de Setembro.

P R Ó V A S :

A sua patente está na Chancelaria de dom Filipe III, Livro 36, fôlha 74.

As datas da sua saída de Lisboa e da chegada à Luanda dá-as Cadornega no tomo I da sua inédita «*História geral das guerras angolanas*».

(Continua)

Lisboa,
Janeiro de 1929

João Mathias Delgado



Cónego Delgado

NO dia 26 de Novembro próximo passado, faleceu em Lisboa, no Hospital-da-Marinha, o nosso bom Amigo e ilustradíssimo Colaborador **Cónego José Matias Delgado**, antigo missionário secular do quádro de Angola, capelão naval aposentado ou licenciado, e que exercia agora, na *Escola Superior Colonial* da Sociedade de Geografia, o cargo de lente de Quimbundo, a língua indígena falada na maior parte desta Colónia.

A triste notícia, que nos deixou aberta, na alma, uma profunda e sentidíssima saudade, foi-nos participada, em primeira mão, pelo ex.^{mo} sr. cl. Alfredo de Albuquerque Felner, também um apaixonado cultor das nossas glórias ultramarinas: para nós todos, o Cónego Delgado era um mestre de competência e autoridade, sempre acatadas.

De facto, o seu temperamento manifestava o que-quer-fôsse de acanhado ou reservado, de sombrio ou sóbrio, de sorte que se tinha de recorrer (como sempre nós fazíamos, quando o consultávamos), a artifícios ou manhas, para assim lhe provocar a manifestação da sua sabedoria como investigador profundo e cuidadoso, que era, da verdadeira e documentada História-de-Angola.

Notámos, também, que tãda a grande imprensa diária de Lisboa prestou ao nome e merecimentos literários do professor Cónego Matias Delgado uma condigna e honrosa homenagem.

Pela derradeira Cartinha, que nos escreveu com a data de 22 de Outubro, sabíamos que o seu estado de saúde não era bom.

Aquele eczema crónico e os polippos nas vias respiratórias, acháques que alcançara e consigo carregava desde os tempos que por aqui missionou, com eles estava já tam familiarizado que não fazia caso, embora, uma vez por outra, se agravassem na passagem das estações e o levassem, em busca de alívio, até à cama do Hospital.

Oxalá que o seu espólio científico, realmente precioso e de utilidade pública, vá parar em mãos que lhe saibam dar o valor que tem... à Biblioteca da Sociedade de Geografia, por exemplo.

Com a morte do **Cónego José Matias Delgado**, a minha revista *Diogo-Cão*—perdeu o seu maior e melhor Colaborador; nós todos, os investigadores da História-de-Angola,—perdemos um mestre ilustradíssimo; e...mais outra vez, lá se me desmoronaram os meus—*castelos-de-vento*!!!

Valha-me DEUS...

Neste mundo é assim: não se faz o que se quer ou deseja, faz-se o que se pode ou está nas nossas mãos, não é?

No entanto, não desanimarei na minha empresa: estejam certos, caros Leitores.

Paciência...&...Coragem.

Presídio de MUXIMA

Dez./1932

Padre RUELA



Antologia Angolana

Alguns
Factos
Curiosos
Da
História
De
Angola



NARRADOS

Pelo
Saúdoso
Cónego
José
Matias
Delgado

1622. — A cadeira da embaixatriz e
princesa dona Ana de Sousa.

NOS PRINCÍPIOS DE 1622, FOI DONA ANA DE SOUSA MANDADA à Luanda por seu irmão, rei de Angola, como sua embaixatriz, a pedir a paz ao governador, que era, então, João Correia de Sousa.

Foi recebida com tôdas as hõnras devidas a uma princesa, ainda que preta.

No dia da ausência, dirigiu-se ao palácio do governador com um luzido acompanhamento de ambos os sexos. Sendo introduzida na sala, observando haver ali uma sô cadeira e, defronte dela, duas almofadas de veludo com franjas de ouro colocadas sôbre uma rica alcatifa, conteve-se um pouco, e, sem se perturbar ou dizer uma palavra, movendo os olhos, fez sinal a uma das suas escravas, a qual, curvando-se imediatamente com as mãos na alcatifa atrás de sua senhora, lhe serviu de CADEIRA, ficando a princesa sentada nas costas da escrava durante todo o tempo da audiência.

Esta repentina acção dela encheu de admiração todos quantos assistiram àquele acto, demais sendo praticado por uma preta.

Depois de dar cumprimento à sua embaixada, na qual revelou que, além de uma grande inteligência, possuía também a maior prontidão das respostas, e, depois de ajustada e concedida a paz com certas condições, se concluiu esta notável audiência.

Ao despedir-se, indo o governador acompanhá-la, reparou que a escrava, que lhe servira de cadeira, não se erguia da extravagante posição em que estava; avisou a princesa disto e disse-lhe que desse ela licença à escrava para se levantar.

Dona Ana, que com arte tinha feito aquela acção, respondeu ao governador, dizendo que deixava ali a sua escrava, não por inadvertência, mas porque aos embaixadores do seu Rei era indecente sentarem-se pela segunda vez na cadeira onde se sentaram a primeira vez; e, não lhe faltando semelhantes cadeiras, pois tinha muitas, não queria já reconhecê-la como sua.

Estas palavras, proferidas de improviso e em tais circunstâncias, mostram bem o grau de inteligência de que era dotada.

1626 — O rei Filipe, de Angola.

Em 1626, estando vaga a realeza de Angola pela morte do rei Ngola Mbandi, irmão da famosa rainha Jinga, esta pretendeu, com todo o direito, suceder a seu irmão na dita realeza.

Fernão de Sousa, governador, então, de Angola, opôs-se àquela pretensão, começando então a Jinga a revoltar-se contra nós e a inquietar-nos. O governador, para a conter em respeito, mandou para Ambaca, o antigo capitão-mór Bento Banha Cardoso, que, tendo acampado perto daquele presídio, insinuou aos sobas nossos amigos que elegessem, para rei de Angola, o soba Ngola Aiidi.

A eleição foi em 12 de Outubro de 1626 tendo assistido a ela, por vontade do capitão-mór, dois padres jesuítas sendo um deles o padre Francisco Paccónio, que andava por Angola desde Agosto de 1623 e conhecia bem a língua dali.

O novo rei comprometeu-se a dar, em cada ano, à Fazenda-Real, 100 escravos.

Depois de eleito, foi viver para as Pedras de Pungo-a-Ndongo, tendo o governador mandado que, para junto dêle, fôsem um capitão e o padre Paccónio para o advertir das suas obrigações e o instruir.

O rei, depois de baptizado, tomou o nome de Filipe, em hõnra a Filipe III, e foi, no futuro, um grande e lial amigo dos portuguezes, sempre pronto a coadjuvá-los em tudo e a combater os nossos inimigos, como foram os holandeses durante a occupação, e a rainha Jinga.

Morreu em 1664.

1650 — A tentativa de mudança de Benguela-a-Nova para o sítio de Catumbela.

Salvador Correia, o restaurador de Angola, governador dali desde 15 de Agosto de 1648 até 2 de Março de 1652, em princípio de 1650 propôs a dom João IV que convinha mudar a cidade de Benguela para Catumbela, distante 4 léguas. sítio alto e sadio.

Esta empresa era por elle reputada importantíssima por muitos motivos que dava.

Foi a propôsta tratada no Conselho-Ultramarino em consúta de 8 de Maio de 1650.

O Conselho achou boa aquella propôsta e, por sua vez, propôs ao Rei para o cargo de capitão-mór de Benguela três indivíduos, que achava capazes de fazerem a dita mudança, figurando em primeiro logar o nome de Gregório Ribeiro, por saber a língua falada em Benguela. Por este grande predicado foi elle preferido e nomeiado em 26 de Maio de 1650, sendo preteridos o segundo e terceiro propostos: o capitão Vicente Pegado da Ponte e o capitão António Teixeira de Mendonça, ambos com grandes serviços desde muitos anos em Angola.

Gregório Ribeiro não foi à Benguela por ter morrido e a mudança daquela cidade não se fez então.

1655 — A rainha Jinga.

A célebre e grande heroína preta, rainha Jinga, dona Ana de Sousa, que nos guerreou afincadamente desde princípios de 1629, ligando-se, de 1642 a 1648, aos holandeses contra nós e combatendo-nos, depois, ainda, até princípios de 1655, ia-nos fazendo perder Angola.

Em 1655, levada pelos missionários capuchinhos italianos, pediu a paz ao então governador de Angola Luís Martins de Sousa Chichorro. Em 13 de Dezembro, já quasi ultimadas as capitulações da paz, escreveu ella uma extensa carta ao dito governador, a qual começava assim:

—«Senhor: Recebi a carta de Vossa Senhoria, a qual me entregou o capitão Manuel Frois Peixoto, embaixador de V. S. e por este vejo gozar V. S. saúde, a qual Nosso-Senhor aumente por largos annos com muita paz e quietação como para mim desejo...

Ella, depois de falar da chegada do embaixador e de alegar as suas razões, continua:

—«Deixarei tôdas as tiranias e tôdas as cerimónias dos jagas tanto que tiver religiosos que me dêem bom exemplo e a meus grandes para que os ensinem a viver na santa fé católica; assim que espero que Vossa Senhoria me faça mercê mandar o padre frei Serafim de Córtona e o padre frei João da Ordem do Carmo, por ser hábito que desejo ver e também me dizem ser bom prégador e saber a língua de Dongo, isto-é, o quimbundo...

Mais adeante dizia:

—«Não podia Vossa Senhoria mandar-me embaixador que mais me alegrasse que o capitão Manuel Frois Peixoto, por saber bem declarar-me tudo pela língua dêste meu Reino. Todos os meus grandes estão tam contentes que dizem que só elle me traz paz verdadeira e falo verdade em tudo o que V. S. lhe ordena por seu regimento...

As capitulações foram assinadas em Matamba, em 12 de Dezembro de 1655, cumprindo ella, depois, tudo a que se comprometera.

1664 — As minas do cóbre.

Reinava no Congo, desde princípio de 1661, dom António I, filho de dom Garcia Afonso II, que começou a reinar no fim de Fevereiro de 1641 e que foi traïdor para nós, unindo-se aos holandeses durante a sua occupação de Angola.

Se dom Garcia não foi bom, peor muito peor foi o filho dom António, que, logo no princípio do seu reinado, escreveu para Madrid a pedir que os castelhanos fôsem invadir Angola, e êle mesmo, em Outubro de 1665, veio com um poderoso exército sôbre Luanda, tendo sido morto pelos nossos antes de ali chegar.

Um vassalo seu, o Duque-de-Uando, não se querendo ligar com dom António contra nós, fugiu para terras nossas, prometendo o descobrimento das presumidas minas de ouro que, pensávamos, êle tinha nas suas terras.

O governador de Angola, André Vidal de Negreiros, mandou logo lá o capitão-mór Luís Lopes de Siqueira, que era natural de Luanda e falava bem o quimbundo.

Ia com ordem de averiguar o que havia sôbre minas, de alcançar algumas amóstras delas, e de avisar e tirar uma devássa (sindicância) sôbre o procedimento do rei de Congo em ser

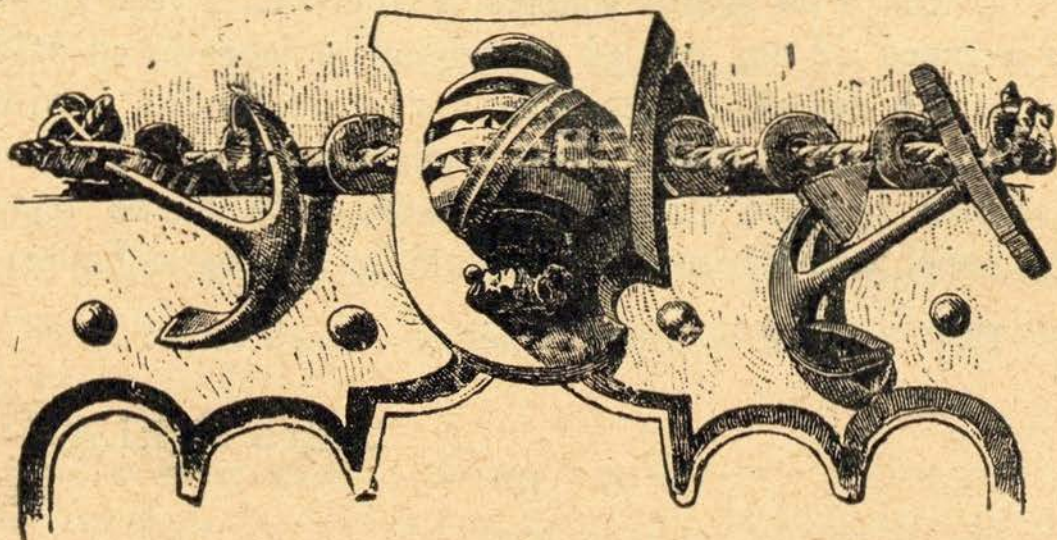
traidor e em não deixar descobrir as minas de ouro.

Para esta importante comissão era necessário saber-se bem a língua da terra.

Luís Lopes de Siqueira desempenhou-se desta comissão cabalmente, por saber bem a língua.

As amostras foram enviadas, em 20 de Novembro de 1664, para Lisboa, e não deram ouro, porque as minas eram de cobre.

Nóta do p. R. — Trechos da Conferência que o Cónego Delgado fez, a 29 de Março de 1930, na Faculdade de Letras de Lisboa.



A Tentação do Mar

A NAVEGAÇÃO TEVE PRIMEIRO UMA FEIÇÃO PURAMENTE
PISCATÓRIA, E DEPOIS COMERCIAL. A ESTAS DUAS
FASES SEGUIU-SE A GUERREIRA.

Alberto Pimentel

Com Licença ...



PODEMOS DIZER QUE A ARCA-DE-NOÉ É A MAIS antiga embarcação que se conhece.

—«*Bien que l'arche de Noé n'ait pas été construite pour voguer, mais seulement pour flotter, on peut cependant la considérer le plus ancien navire connu*».—

Contam-se às dezenas as poéticas explicações da origem da navegação aquática, quer lacustre, quer fluvial, quer marítima...

O tronco da árvore simples, o tronco da árvore cavado ou a canoa de um pau só (monóxilo), a jangada ou atádo de paus, o estrado sôbre odres, a vara ou bordão, a pá ou o remo, a véla, o leme—embora sejam maravilhas reais do progresso humano através das idades—não temos tempo nem papel bastantes para, aqui, contá-las aos nossos Leitores.

Hoje em dia, a fôrça da hélice venceu tudo...

Padre RUELA.

ATLAS

Foi Abraão Ortélio, nascido em Anvers (Antuérpia) em 1527 e falecido em 1598, o autor da primeira coleção de cartas geográficas do mundo conhecido, a que deu o nome de «*Theatrum orbis terrarum*», publicado em 1570.

«O «*Theatrum orbis terrarum*» publicou-se pela primeira vez em 1570, cumulado o autor de elogios dos grandes homens do seu século que se honravam com a sua amizade, sendo cognominado o Ptolomeu Moderno. Ortélio serviu-se de tôdas as cartas até então publicadas.

A sua obra foi reimpressa em Antuérpia em 1571, 1573, 1575 e 1587 e sempre com adições, o que faz que seja da maior importância para a história da geografia do século XVI».—

No mesmo século, Geraldo Mercator, publicando uma coleção do mesmo género, deu-lhe o nome de «*ATLAS*», porque tinha feito representar no frontispício o personagem mitológico Atlas, que sustentava o mundo sôbre os ombros.

P. R.

ÂNCORAS

Os primeiros navegadores serviam-se, para prender ou reter as suas embarcações nos pórtos, de pedras volumosas ou de sacos cheios de areia, que seguravam com cabos ou cordas:

—«Quant on n'employait pas une masse de pierre ou un lingot de fer, on se servait de paniers remplis de gros cailloux ou de sacs pleins de sable.

Ces grosses pierres ou des masses de métal devaient être d'un volume proportionné à l'effort que pouvait faire le navire dans des circonstances données».—

(DU SEIN — « Histoire de la marine de tous les peuples », tome I, p. 59.)

Os fenícios, quando se estabeleceram na Península-Hispânica, encontraram tanta prata que até as âncoras de seus navios eram de prata:

—«L'abundance de l'argent au pays de Tartessus, le Tarchich de la Bible, éblouit d'abord les Phéniciens. Ils en chargèrent, dit-on, leurs vaisseaux. Même, pour en emporter davantage, ils remplacèrent leurs instruments de bronze ou de fer, par des similaires en argent; ils seraient revenus dans leur pays avec des ancres en argent au lieu d'ancres en plomb».— (Charles Letourneau — « L'évolution du commerce dans les diverses races humaines »—à p. 382).

Descobérta da Ilha-da-Madeira

(1419)

por DAMIÃO DE GÓIS

Pouco tempo depois, andando Bartolomeu Perestrelo no Reino, João Gonçalves e Tristão Vás acordaram de, em barcos, irem demandar uma sombra de nuvens que muitas vezes viam, não mui longe daquela ilha onde estavam, donde partiram em tam boa hora que com pouca dificuldade lhes quis DEUS deparar outra ilha também deserta, muito maior que a de Pôrto-Santo, à qual, por ser cheia de bosques, puseram nome da—MADEIRA.

(Continuação do cap. VIII da «Crónica do Príncipe dom João».)



ÍNDICE

OS PORTUGUESES EM ANGOLA

I

Diogo Cão

1—Genealogia do intrépido e arrojado navegador português	3
2—Vila-Real de Trás-os-Môntes, pátria de Diogo Cão	4
3—Os descobrimentos marítimos no reinado de dom Afonso V e dom João II	6
4—Primeira viagem de Diogo Cão à Angola (1482-1483)	34
I padrão—de Sam-Jorge	66
II padrão—de Santo-Agostinho	67
A carta geográfica de Martelo	98 e 131
5—Segunda viagem de Diogo Cão à Angola (1484-1486)	68
III padrão—do Cabo Negro	99
IV padrão—do Cabo-da-Serra	100
Os três Atlas do Visconde-de-Santarém	132
6—A política seguida por Diogo Cão nas suas relações com os indígenas de Congo	133
7—A partida da Embaixada Portuguesa para o Oiteiro-de-Congo	133
8—A solene recepção dos Portugueses na banza de El-Rei de Congo	134
9—Os pretos de Congo em Lisboa	161
10—A volta dos pretos à sua terra	162
11—A satisfação do Rei de Congo	162
12—As festas diplomáticas, na banza de Congo, em honra de Diogo Cão	163
13—O embaixador congues CAÇUTA e o presente de El-Rei de Congo para dom João II	164
14—A embaixada de Congo em Beja	193
15—Diogo Cão . . . esquecido ou sumido	194

16—Os ossos de Diogo Cão	196
A baía de Luanda ou o pôrto de Angola, antes de 1575	261
Antologia Angolana	301

As fortalezas de Luanda

I

Fortaleza do Môrro

(SAM-PAULO—PRIMEIRO ORAGO)

(1576—1641)

1—O princípio da Fortaleza do Môrro-de-Luanda . .	9
2—No tempo de Paulo Dias de Novais	40
3—Plano de fortificação, segundo Garcia Mendes Castel telo Branco	41
4—Os piratas franceses, em 1600	41
5—A defesa da barra de Luanda, por António Bezerra Fajardo	42
6—Os piratas holandeses	71
7—O patriotismo do bispo governador dom frei Simão Mascarenhas	72
8—No govêrno de Fernão de Sousa	72
9—No govêrno de Francisco de Vasconcelos da Cunha Nótas I e II	73 74

II

Fortaleza do Penedo

SAM-FILIPE—PRIMEIRO ORAGO

SAM-FRANCISCO—SEGUNDO ORAGO

1—Os penedos da Madalena	101
2—A tradição não é... história	102

3—No tempo do gov. Pedro César de Meneses . . .	103
4—No governo de dom Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho	105 e 135
5—No governo de Manuel de Almeida e Vasconcelos .	137
6—Mais outras obras de defesa da barra	165
7—Nótas militares	166

III

Fortaleza da Caçandama

SAM-PEDRO—O ORAÇO

1—A primeira estacáda ou princípio	203
2—No tempo de Pedro César de Meneses	204
3—No tempo de André Vidal de Negreiro	204
4—Em 1668	204
5—Em 1703	205
6—No governo de dom António Alvares da Cunha . .	206
7—No governo de dom António de Lencastre	207
8—No governo de José Gonçalo da Câmara	207
9—Nótas militares	207

Advertência importante 208

Presídio de NOVO-REDONDO	237
------------------------------------	-----

A paz & a guerra	257
Sálvas festivas	258
O patriotismo & o egoísmo	259
Offício número 120	260

A chamada Pedra-de-Encoje, antes de 1759	293
--	-----

CATÁLOGO DOS GOVERNADORES DE ANGOLA

1—Paulo Dias de Novais	12
2—Luís Serrão	43
3—André Ferreira Pereira	44
4—Dom Francisco de Almeida	75
5—Dom Jerónimo de Almeida	107
6—João Furtado de Mendoça	139
7—João Rodrigues Coutinho	140
8—Manuel Cerveira Pereira (Primeiro govêrno)	167
9—Dom Manuel Pereira Forjaz	209
10—Bento Banha Cadoso	225
11—Manuel Cerveira Pereira (Segundo govêrno)	267
12—António Gonçalves Pita	268
13—Luís Mendes de Vasconcelos	268
14—João Correia de Sousa	269
15—Pedro de Sousa Coelho	270
16—Dom frei Simão Mascarenhas	295
17—Fernão de Sousa	296
18—Dom Manuel Pereira Coutinho	296
19—Francisco de Vasconcelos da Cunha	297
20—Pedro César de Meneses (No tempo dos Filipes)	298
Notícia da morte do Cónego Delgado	299

Monumentos & Arquivos

(PROGRAMA — TESE)

1—A nossa empresa, modesta e... ousada	13
2—A crítica positiva e honesta e moralizadora	14
3—A filosofia prática da história	15
4—A nossa bandeira	16
5—A imparcialidade	46
6—A formação do carácter	46
7—A mocidade esperançosa	47
8—Os documentos ou fontes históricas	48
9—Realidades & Realizações	77
10—Os sentimentos geradores e impulsores	78
11—Material histórico pouco conhecido	80
12—A liberdade e a verdade	110
13—Quem não deve, não teme...	111
14—A censura	111
15—Os maldizentes	112

Ciência Tropical

O MÉDICO ALEIXO DE ABREU

1—O livro ou « <i>Tratado de las siete enfermedades</i> »	21
2—O mal-de-Luanda ou escorbuto.	22
3—Nótas biográficas.	22
4—A prioridade científica dos Portugueses	24
5—Fontes de informação	26

ESCOLA-MÉDICA DE LUANDA, EM 1791

1—Aula de Anatomia	169
2—O lente dr. José Pinto de Azevedo	170
3—Oração-de-Abertura, na sala do Hospital-Real	170

HISTÓRIA NATURAL DE ANGOLA

Viagens científicas ou filosóficas	167
Zoologia	178
Botânica	199
Mineralogia & Geologia	200
Geografia Física	201
O naturalista suíço Lang	201
O doutor Welwitsch	201
O doutor Domingos Vandelli	202

História Eclesiástica

PADROADO RELIGIOSO

I—Tomár

No reinado de dom Afonso V	18
No reinado de dom João II	20
No reinado de dom Manuel I	52

II—Funchal

Ainda no reinado de dom Manuel I	82
O bispo preto dom Henrique	83

III—Sam-Tomé e Congo

No reinado de d. João III	83
Área de diocese	84

IV—Congo-e-Angola

Fundação do Bispado	116
A Igreja-Catedral de Santa-Cruz do Salvador	116

V—Angola-e-Congo

Ainda no tempo dos Filipes	117
O bispo dom Manuel Baptista	117
O bispo dom frei Simão Mascarenhas	117

VI—Brasil-Baía

Depois da Restauração de 1640	117
No tempo da regência de dom Pedro II	117
No reinado de d. João V	118 e 143
No princípio do século XIX	143

VII—Angola volta para Lisboa

No reinado de dona Maria II	143
Almeida Garrett e a fundação do Seminário de Luanda	144

Ilha-de-Luanda.—O património da Ermida de Nossa

Senhora do Cabo.	171
Cidade de Luanda—O Convento do Carmo	289

Os Holandeses em Angola 1641—1648

Introdução

1—«Les Hollandais, principaux héritiers des Portugais...»	53
2—Divisão ou roteiro dêste estudo	54
3—Sempre na rabadilha dos Portugueses...	55
4—As duas Companhias Holandesas	86
5—O Comércio dos Holandeses na costa ocidental africana	120

Primeira parte

(História Militar)

1—Da Espanha, nem vento, nem casamento...	145
2—A revolução de 1640	146
3—A notícia nas Ilhas e Colónias	177
4—As festas em Luanda	178
5—Razões da expedição holandesa contra Angola	180
6—« <i>Expediitio in Angolae regnum sub Jòlo</i> »	180
7—A armáda holandesa, à vista de Luanda,	182
8—O corajoso e prudente bispo dom Francisco do Sovral	182
9—O desembarque dos holandeses.	183
10—Os cuidados do governador Pedro César do Meneses	211
11—A resolução patriótica	212
12—A despedida ou abandono da cidade de Luanda pelos portugueses	213
13—Nas margens do rio Bengo.	214
14—Os portadores da triste notícia para Lisboa	213
15—Dom João IV entretinha-se à caça	216
16—As providências tomadas, logo, em Lisboa	243
17—Os sucessos de Angola, em 1642	246
18—No ano de 1643	271
19—O ataque cobarde dos holandeses e a prisão do nosso gov. Pedro César	272

Miscelânea

Um museu de... coisas fúteis 27

Vocábulos:

ÁFRICA	28, 90, 150, 218, 276
ANGOLA	28, 90, 151, 219, 276
LUANDA	28, 91, 151, 219, 277
A Misericórdia de Luanda	28
Benguela-a-Velha ou Pôrto-Amboim	29, 92 e 153
Os três governadores CÉSAR DE MENESES	29
O padre Malagrida e o bispo dom frei Francisco	29
A Livraria dos Jesuítas, em Luanda	30
Juramento da Constituição, em Luanda, pelo Clero, a 19 de Junho de 1823	31
Saúdação à nossa colega de Lisboa— <i>FEIRA DA LADRA</i>	32
Para grandes males... grandes remédios	89
Óbito de Paulo Dias de Novais	91
N'Zeze ou Anzele	92
A morte do bispo dom frei João Damasceno da Silva Póvoas	93
Ruínas e mais... ruínas.	149
Primeira viagem de Paulo Dias de Novais à Angola	151 e 220
Arquivo Municipal de Luanda	153
Juramento de fidelidade a el-rei dom Miguel I	155
O cônego Leonardo José Vilela	156
História da Questão Colonial em Portugal	157
O explorador Duarte Lopes, no Congo	158
Azeite e Vinho de Palma	159
Sindicância ao Governador Paulo Dias de Novais	160
Nestes climas tam doentios	217
<i>Fac simile</i> da assinatura de Manuel Cerveira Pereira	222
A Misericórdia de Maçangano	223
A cidade de Salvador, no Oiteiro de Congo.	223
Os inéditos de Cadornega	225
Arquivo Histórico de Luanda	227
Ministério das Colónias—O decreto número 19.868	228
Deportados Brasileiros nos Presídios de Angola	228
Almanaque Estatístico, para 1852	229
Segunda viagem de Paulo Dias de Novais	231
Os leões nas ruas de Luanda	232

As nossas investigações	275
Genealogia do Paulo Dias de Novais	278
O actual Representante da Família Novais	278
Sam-Filipe de Benguela-a-Nova	279
A extinção dos FRADES	280
Os 3 conventos de Luanda	280
O bispo—eleito dom Leonardo	281
Outro juramento do Clero em, 1842	282
Até Voltaire foi... escravagi-ta	283
Plano ou divisão da nossa «História-de-Angola»	284
Angola-Menina	286
O futuro de Angola	287

A Tentação do Mar

Razão dêste cabeçalho e seu objecto variado	57
A Marinha-Portuguesa, no reinado de dom Denis	58
O pão... sempre o pão	59
A morte do Infante-dom-Henrique	60
Márco Paulo	60
Toponímia portuguesa	61
Péna de morte	61
O espírito da época	62
Os portulanos	62
Doações reais	63
A briosa Marinha-Portuguesa	64 e 127
Reconhecidos...	64
<i>Verba et ópera</i>	121
A Marinha-Portuguesa no reinado de dom Fernando I	123
As razões das descobertas marítimas	123
SEUTA e não Ceuta	124
21 de Agosto de 1415	125
Relíquias históricas	126
O testamento de Adão	127
Bênção... arqueológica	128
O mecanismo positivo da nossa decadência colonial	185
A chamada Escola-de-Sagres	187
A censúra política, mas racional	189
As duas políticas: a utilitária e a idealista	190
Os dois interesses: o espiritual e o temporal	191
O jurista holandês Grócio	247
O frade português dr. Serafim de Freitas	248
O inglês John Selden	249
Mares e climas novos	249
Defesa das terras descobertas	250
O mistério das navegações	251

O resgate dos escravos	251
A ilha de Pôrto-Santo	252
As dívidas do primeiro Colonial português	253
Acusações malévolas ou inconcipientes	254
A Arca-de-Noé	307
Atlas	308
Ancoras	308
A Ilha-da-Madeira	310



Com a licença da Autoridade Eclesiástica

Visado pela Comissão de Censura

COMPOSTO E IMPRESSO
na TIPOGRAFIA MINERVA
* LUANDA *

ainda os seguintes nobres predicados: austero e intransigente amor da verdade; metodo atraentissimo de exposiçao, sempre animada e estimulante; absoluta ausencia de qualquer partidario; um estilo desenchumado de purismos e tecnologias pretenciosas, e antes limpido, preciso e veloz.

No seu genero, portanto, é uma revista sem competidor no nosso meio, porque decerto poucas poderão apresentar-se desta maneira, corroborando sempre o espirito do seu programa, que diz assim:

—*Não temos bandeira politica ou partidaria.*

Na nossa frente temos apenas a Verdade, e, acima da Verdade, a Justiça.

A revista Diogo-Cão não distingue, nos Portugueses de Angola: vaças ou castas ou cores de pigmento.

Muito bem. Apenas um leve repáro.

Poderá a Justiça estar acima da Verdade? Ou não será a Justiça uma consequência lógica da Verdade?

Para nós — perdõe o ilustre publicista — nada pode estar acima da Verdade, porque, a rigor, não é mais do que um aspecto da Verdade a mais impecável Justiça. Ah! Como seremos justos se primeiro não fôrmos verdadeiros? E, por outro lado se fôrmos verdadeiros, como poderemos deixar de ser justiceiros?

Acima da Verdade a Justiça? Mas Justiça pura é toda a Verdade.

Nôta do p. R.—No nosso caso referido, tratamos da verdade histórica e não da verdade lógica ou da verdade metafísica ou da verdade moral. Acima da verdade histórica, ou, melhor, ao lado da verdade histórica é que pomos a justiça, não qualquer justiça convencional e cega. Em teoria, a justiça é sempre uma consequência lógica e moral da verdade: concordamos. Na prática, não; infelizmente. Por exemplo: é verdade que o partido do MANO PEDRO venceu o partido do MANO MIGUEL, mas tal facto histórico ou tal verdade histórica não tem a seu lado a justiça histórica, porque o seu fundamento foi a... força, não é?

Temos aqui, na nossa mesa de trabalho, os volumes VII e VIII da História de Portugal do illustradissimo critico e com elle concordamos absolutamente neste justo pensamento philosophico e social: —«Na verdade, a história da humanidade é uma aventura, cheia de lances trágicos, épicos e, às vezes, formidavelmente ridículos». —

Petipé...literário

- I)—A revista ilustrada *Diogo-Cão*, de vários o variados assuntos velhos e antigos angolanos, contém nas suas páginas *material* sôbre

HISTÓRIA

GEOGRAFIA,

COMÉRCIO,

CIVILIZAÇÃO,

ARTE,

ETNOGRAFIA E

CRÍTICA.

- II)—Tôda a *colaboração*, tanto a literária como a artística, é solicitada ou pedida directamente por nós.
- III)—Os artigos ou trabalhos assinados são da absoluta *responsabilidade* de seus *autores*.
- IV)—Não são permitidas *polêmicas* de carácter pessoal ou individual.
- V)—A revista *Diogo Cão* publica-se em *séries* de 10 números, tendo cada um, pelo menos, 32 páginas.